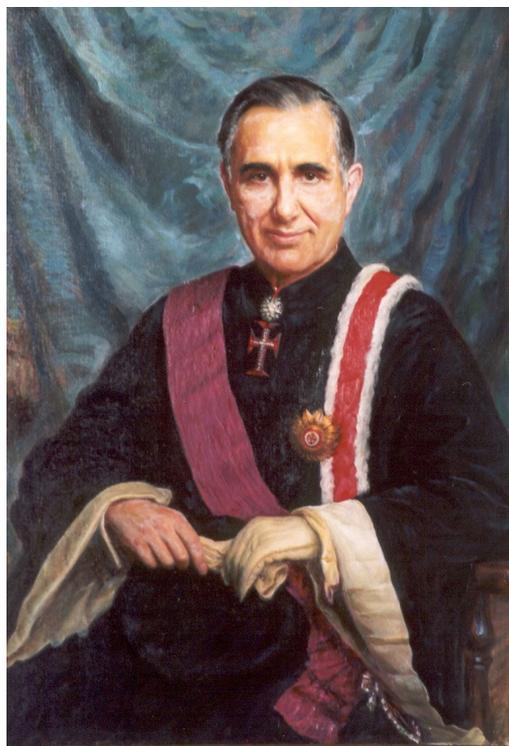


Jaime da Costa Oliveira

FOTOBIOGRAFIA DE

FRANCISCO
DE
PAULA
LEITE
PINTO

1902-2000



HOMEM DA CIÊNCIA E DA CULTURA

in "No centenário do nascimento de Francisco de Paula Leite Pinto", Memória 2,
Sociedade de Geografia de Lisboa, 2003.

Homenagem à memória do Professor Engenheiro Francisco Leite Pinto

Tendo acompanhado o Professor Engenheiro Francisco Leite Pinto, meu Mestre, desde a adolescência, com outros jovens idealistas, tive a honra de por ele ser convidado para seu Subsecretário de Estado, quando ascendeu a Ministro da Educação Nacional. Como tal servi, modesta mas devotadamente, cerca de seis anos, 1955 a 1961.

Esta ligação, longa e permanente, este intenso, natural e muito amigo convívio, fez-me um dos seus maiores admiradores.

Grande Senhor, grande Mestre, grande nome da nossa Cultura, grande Ministro da Educação Nacional. Conhecedor assumido dos vários ramos do saber, mesmo distantes da sua área de formação, muito dado às letras e às artes, inteligente, simpático, azougado, irreverente, respeitado e admirado pelos homens, e amado pelas mulheres.

No particular da sua rica personalidade, mas sobretudo como gestor da Educação Nacional, já pude, abertamente, exprimir os meus pensamentos e sentimentos, que aqui renovo.

Ainda há pouco tempo, tive a oportunidade de receber um trabalho de doutoramento em que o Autor, o Doutor António Teodoro, para além de conceitos e experiências que relata, publica uma reveladora série de entrevistas com diversos dirigentes do Ministério da Educação, desde 1955 a 1995. Bom contributo!

Leite Pinto não se alargou muito nessa entrevista, mais demorando no relato do seu relacionamento com o Senhor Presidente do Conselho. Praticamente "tocado", quanto ao ensino, por uma pergunta do entrevistador sobre o chamado "Projecto Regional do Mediterrâneo da OCDE" - projecto que nasceu de Leite Pinto e foi por ele muito apoiado - acaba por ser escasso nos seus comentários sobre esta matéria.

Por extrema amabilidade do Autor, recebi, há algum tempo, o seu livro, onde, agora comigo, admitiu, pacientemente, que exprimisse, com maior pormenor os trabalhos realizados pela “equipe” da Educação Nacional orientada por Leite Pinto, conforme os condicionalismos da época, que ali se explicitam livremente.

Por estas e outras razões pensei que seria apropriado aludir a outros altos serviços que prestou ao País, em várias circunstâncias do maior interesse nacional e internacional.

Limitar-me-ei a citá-los, de modo resumido, esperando que, supervenientemente, venham a ser estudados, como merecem, fora de pequenas referências, em alguns casos, de interpretação duvidosa e confusa.

Assim, aludiria a três assuntos:

Primeiro: *Ao papel de Leite Pinto como actuante no plano da defesa civil do território, em estruturas materiais e pessoais de vilas e cidades, pontos estratégicos, monumentos, estradas e principais vias de acesso, inclusive sabotagem moral e material a repercutir-se nacional e internacionalmente, face à previsível invasão militar estrangeira; ameaça permanente na guerra entre os “Países Aliados” e os do “Eixo”, felizmente gorada.*

Segundo: *À missão – também extremamente valiosa, activamente humanitária e de repercussão política –, de negociações, acolhimento e recepção dos milhares de fugitivos da Europa. Naquele mesmo período, foram carinhosamente recebidos e agasalhados, homens, mulheres e crianças, muitos permanecendo em Portugal, mas a maior parte seguindo para o desejado destino, em geral a América do Norte. Leite Pinto, com outros empenhados na tarefa – e cito especialmente o Professor Moisés Amsalack, Reitor da Universidade Técnica de Lisboa –, estiveram no centro dessa notável recuperação humanitária. Também vale mencionar o quanto se fez, ao invés de enaltecer o que se não fez, a fim de apagar certas campanhas escritas que por aí correram e correm.*

Terceiro: À tese a que acima já me referi, onde Leite Pinto relata uma conversa com Salazar em que, aludindo à intensa vida social que levava – e muito ligada à sua missão ministerial, aliás – o Presidente do Conselho lhe teria dito o seguinte: “Vossa Excelência almoça muito com diplomatas representantes da França, Inglaterra e Alemanha? Irá lá por ser dirigente do Instituto de Alta Cultura ou por ser director de uma linha de caminhos de ferro?”

A pergunta, em forma de “chiste”, respeita aos três altos serviços que referi e de modo mais directo à relevante acção desenvolvida no acolhimento aos fugitivos de guerra e ao “negócio de fornecimento de volfrâmio àqueles Países”, pode dizer-se que coordenados pelo Professor Leite Pinto. É de assinalar, a propósito, não só quanto a este aspecto, a valia de outra notável tese do Professor Doutor António Telo, “Portugal na Segunda Guerra (1941-1945). Mas, Leite Pinto não vem, igualmente, citado nesta mesma tese.

Aquí fica este simples apontamento, realizado ao correr da pena, pequeníssimo contributo para a homenagem ao Português que, pelo relevo da sua prestação, esteve presente em diversos e melíndrosos momentos da vida do País, momentos esses cruciais que deverão ser melhor estudados, apreciados e louvados.

Na Fundação Calouste Gulbenkian ou provando um período de difícil exílio no Rio de Janeiro na década de 70, já com avançada idade, ele manteve sempre a sua estatura intelectual e humana. Um homem enciclopédico e com dimensão empreendedora, mais de obras do que palavras, de “res non verba”, ao dispor da Nação, “sem prémio vil”.

Lisboa, 29 de Julho de 2002

Baltazar Rebelo de Sousa

1902	Nascimento em Lisboa (16 de Outubro)		de Ciências da Universidade de Lisboa
1919	Conclusão dos estudos secundários no Liceu de Camões, Lisboa	1928	Exame de Estado para o Magistério Liceal, secção de Ciências Matemáticas (2 a 15 de Junho)
1919-1924	Frequência do curso de licenciatura em Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (conclusão em 20 de Março de 1924)	1929	Professor agregado do 8º grupo do Liceu de Pedro Nunes (19 de Julho a 21 de Novembro)
1924	Conclusão do curso de engenheiro geógrafo na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (19 de Julho)	1929-1930	Professor efectivo do 8º grupo do Liceu de Fialho de Almeida, em comissão (21 de Novembro de 1929 a 1 de Maio de 1930) Frequência da Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, onde obteve o diploma de estudos superiores de Astronomia, como bolseiro da Junta de Educação Nacional Frequência do curso de Estatística no Instituto Henri Poincaré de Paris
1925-1927	Professor provisório do 8º grupo do liceu de Pedro Nunes (16 de Maio de 1925 a 31 de Julho de 1926 e 2 de Novembro de 1926 a 27 de Julho de 1927) Frequência do curso de Magistério Liceal, secção de Ciências Matemáticas, na Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa	1930	Professor efectivo do 8º grupo do Liceu de Camões, em comissão (1 de Maio a 1 de Outubro)
1927-1928	Professor interino do 8º grupo do Liceu de Pedro Nunes (11 de Novembro de 1927 a 31 de Julho de 1928)	1930-1932	Frequência da “École Nationale des Ponts et Chaussées” de Paris, onde se diplomou em Engenharia Civil, como bolseiro da
1927-1929	Assistente livre de Astronomia da Faculdade		



Em cima: Colaboração na montagem de uma biblioteca no Observatório de Astrofísica de Meudon, 1933

Em baixo: Professor catedrático do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, Lisboa, 1951.

Junta de Educação Nacional

- 1930-1933 Preparação de uma tese de doutoramento no Observatório de Astrofísica da Universidade de Paris (sito em Meudon), como bolsheiro da Junta de Educação Nacional
- 1930-1933 Professor efectivo do 8º grupo do Liceu de Gil Vicente, em comissão (1 de Outubro de 1930 a 1 de Outubro de 1933)
- 1931-1933 Assistente de Língua e Literatura Portuguesas na Faculdade de Letras da Universidade de Paris (Sorbonne), tendo sido o primeiro “leitor” de Português numa universidade estrangeira (Março de 1931 a Setembro de 1933)
- 1933-1934 Professor efectivo do 8º grupo do Liceu de Gil Vicente (1 de Outubro de 1933 a 15 de Junho de 1934)
- 1933-1942 Engenheiro da Companhia das Águas de Lisboa (14 de Dezembro de 1933 a 30 de Junho de 1942)
- 1934-1938 Professor efectivo do 8º grupo do Liceu de Gil Vicente, em comissão



Em cima: Tomada de posse como Presidente da Comissão de Estudos de Energia Nuclear, Lisboa, 1954

Ao centro: Presidente do Conselho de Ministros e membros do Governo, Lisboa, 1955

Em baixo: Ministro da Educação Nacional, Subsecretário de Estado da Educação e

(1 de Outubro de 1933 a 1 de Agosto de 1938)

1934-1935 Secretário-Geral, interino, da Junta de Educação Nacional (15 de Junho de 1934 a 1 de Julho de 1935; tomada de posse em 9 de Julho de 1934)

1935 Secretário-Geral da Junta de Educação Nacional (1 de Julho a 31 de Dezembro)

1936 Secretário da Junta de Educação Nacional (1 de Janeiro a 20 de Junho)

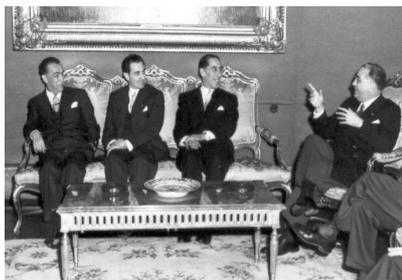
1936-1939 Secretário do Instituto para a Alta Cultura, 7ª Secção da Junta Nacional de Educação (20 de Junho de 1936 a 9 de Julho de 1939)

1937 Inscrição na Ordem dos Engenheiros na especialidade de Engenharia Civil

1937-1940 Director dos “Serviços de Propaganda” da Mocidade Portuguesa (criada em 1936)

1938-1941 Professor efectivo do 8º grupo do Liceu de Camões, em comissão (1 de Agosto de 1938 a 22 de Abril de 1941)

1938-1942 Deputado na 2ª Legislatura da Assembleia Nacional



Em cima: No Ministério dos Negócios Estrangeiros, com Juscelino Kubitschek de Oliveira, Presidente do Brasil, Lisboa, 1956

Ao centro: No Laboratório Nacional de Engenharia Civil, por ocasião do 1º Encontro dos Técnicos Portugueses de Energia Nuclear, Lisboa, 1958

Em baixo: No Laboratório de Física e Engenharia Nucleares da Junta de Energia Nuclear, com os participantes num curso de protecção contra radiações para Delegados de Saúde, Sacavém,

- 1939 Relator do primeiro Congresso da Mocidade Portuguesa
- 1939-1942 Agregado à Direcção do Instituto para a Alta Cultura (9 de Julho de 1939 a 13 de Fevereiro de 1942)
- 1940-1945 Director dos “Serviços de Intercâmbio” da Mocidade Portuguesa
- 1940-1947 Professor catedrático interino do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa
- 1940-1955 Director do Centro de Estudos de Estatística Económica do Instituto para a (de) Alta Cultura
- 1940-1955 Procurador à Câmara Corporativa, em representação dos institutos de investigação científica
- 1941-1951 Professor efectivo do 8º grupo do Liceu de Gil Vicente, em comissão (22 de Abril de 1941 a 14 de Julho de 1951, data em que foi exonerado a seu pedido)
- 1942-1952 Vogal da Direcção do Instituto para a Alta Cultura (13 de Fevereiro de 1942 a 17 de Março de 1952)



Em cima: No Laboratório de Física e Engenharia Nucleares da Junta de Energia Nuclear, com Francis Perrin e José Frederico Ulrich, Sacavém, 1961

Ao centro : Tomada de posse como Presidente da Junta de Energia Nuclear, Lisboa, 1961

Em baixo: Com José Nascimento Ferreira Dias Jr., Lisboa, 1961

- 1943-1947 Administrador-delegado da Companhia de Caminhos de Ferro da Beira Alta
- 1947-1949 Professor catedrático efectivo no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeira
- 1947-1949 Engenheiro da Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos, CIBRA
- 1947-1953 Administrador da Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses
- 1947- ? Vogal do Conselho Superior de Transportes Terrestres
- 1948-1949 Professor catedrático da Escola do Exército (Matemáticas Gerais)
- 1949-1951 Professor catedrático contratado do 1º grupo (Ciências Matemáticas) do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras
- 1949-1955 Professor catedrático do Instituto Superior Técnico (Caminhos de Ferro) Presidente do Conselho de Administração da CIBRA (19 de Dezembro de 1949 a 7 de Julho de 1955)



Em cima: Na VIII Conferência Geral da Agência Internacional de Energia Atómica, Viena, 1964

Ao centro: Na mina de urânio da Urgeiriça com Motta Veiga, Ministro da Presidência, 1967

Em baixo: Tomada de posse como Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1967

1950-1951 Impulsionador de iniciativas visando a criação da “Comissão de Energia Atómica” do Instituto para a Alta Cultura

1951-1973 Professor catedrático do 1º grupo do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (15 de Julho de 1951 a 1 de Novembro de 1973)

1952-1955 Vice-Presidente do Instituto de Alta Cultura (17 de Março de 1952 a 7 de Julho de 1955)

1952 Autor de uma informação para a Direcção do Instituto de Alta Cultura sobre os “fins da futura Comissão Nacional de Energia Atómica” (22 de Maio)

1952-1954 Presidente da Comissão Provisória de Estudos de Energia Nuclear do Instituto de Alta Cultura (criada por despacho do Ministro da Educação Nacional, de 10 de Outubro de 1952)

Impulsionador da criação de Centros de Estudos de Energia Nuclear do Instituto de Alta Cultura, assim como, da Junta de Energia Nuclear



Em cima: No Centro de Biologia da Fundação Calouste Gulbenkian, com António da Silveira e Galvão Teles, Oeiras, 1967

Ao centro: Doutoramento *honoris causa* na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1967

Em baixo: Na Fundação Calouste Gulbenkian, com Américo Tomás, Marcelo Caetano e Azeredo Perdigão, Lisboa, 1968

- 1952- ? Vogal da Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar
- 1954-1955 Presidente da Comissão de Estudos de Energia Nuclear do Instituto de Alta Cultura (29 de Março de 1954 a 7 de Julho de 1955)
Vice-Presidente da Junta de Energia Nuclear (5 de Abril de 1954 a 7 de Julho de 1955)
- 1955-1961 Ministro da Educação Nacional (7 de Julho de 1955 a 4 de Maio de 1961)
- 1961-1975 Presidente do Conselho de Administração da CIBRA (19 de Maio de 1961 a 9 de Maio de 1975)
- 1961-1967 Presidente da Junta de Energia Nuclear (3 de Novembro de 1961 a 20 de Julho de 1967)
- 1961-1968 Vice-Presidente da Câmara Corporativa
- 1961-1974 Chanceler das Ordens Honoríficas do Mérito Civil
- 1963-1966 Reitor da Universidade Técnica de Lisboa (exonerado a seu pedido por solidariedade com Paulo Cunha)
- 1965 Representante do Presidente da República de



Em cima: Entrega de uma condecoração na Embaixada do Reino Unido, Lisboa, 1969

Ao centro: Reunião do Conselho de Administração da Companhia de Cimentos Brancos, CIBRA, Lisboa, 1969

Em baixo: Na Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1969

Portugal na assinatura do acordo entre o Governo dos Estados Unidos do Brasil e o Governo da República de Portugal para a Cooperação na Utilização da Energia Nuclear para Fins Pacíficos (18 de Junho)

1967 Doutor *honoris causa* pelas Universidades dos Estados da Guanabara e de S. Paulo, e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (10, 14 e 16 de Março)

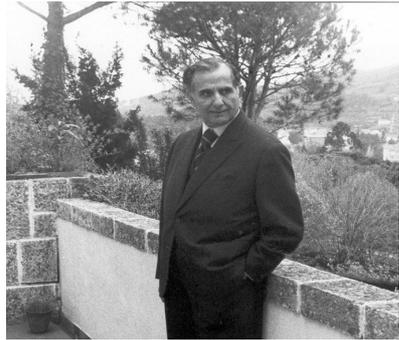
1967-1969 Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian e presidente do Instituto Gulbenkian de Ciência (4 de Abril de 1967 a 3 de Outubro de 1969)

1967-1971 Presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, cuja criação promoveu (22 de Julho de 1967 a 30 de Outubro de 1971)

1968-1973 Procurador à Câmara Corporativa

1974-1975 Exílio em Paris (8 de Outubro de 1974 a 31 de Outubro de 1975)

1975-1980 Exílio no Rio de Janeiro (1 de Novembro de 1975 a 9 de Outubro de 1980)



Em cima: Numa reunião da Organização do Tratado do Atlântico Norte, Bruxelas, 1969

Ao centro: Na Casa da Malveira, 1970

Em baixo: No Colóquio Franco-Brasileiro sobre Métodos Numéricos em Engenharia, Rio de Janeiro, 1976

Professor visitante em Universidades brasileiras, nomeadamente na Universidade Federal do Rio de Janeiro

1991 Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História (15 de Fevereiro)

2000 Falecimento no Estoril (29 de Maio)

Em datas que não foi possível confirmar, executou as actividades e exerceu os cargos indicados a seguir:

- Projectista de instalações portuárias para navios cisterna de petróleo
- Verificador de projectos de pontes em alvenaria, betão armado e aço construídas na rede portuguesa de caminhos de ferro
- Consultor de companhias de caminhos de ferro no Ultramar Português
- Consultor da Companhia Nacional de Electricidade
- Vogal da Comissão de Reforma do Ensino Técnico
- Secretário-Geral da Sociedade Portuguesa para o Progresso das Ciências
- Conselheiro Honorário do “Consejo Superior de Investigaciones Científicas” de Espanha, por eleição
- Representante de Portugal em

- diversos organismos internacionais nas áreas da educação e da investigação científica (“Bureau” Internacional de Instrução Pública, Agência Internacional de Energia Atómica, Conferência Permanente dos Reitores Europeus, Comissão de Investigação da OTAN, etc.)
- Membro de várias sociedades científicas (nacionais e estrangeiras)
 - Vogal e presidente de júris de doutoramento e de júris de concursos nos ensinos secundário (liceal e técnico) e superior.



No Instituto Superior Técnico, com Marçal Grilo, por ocasião da homenagem a António da Silveira, Lisboa, 1997

Condecorações

Grã-Cruz das Ordens Portuguesas de Santiago da Espada, de Cristo, do Infante D. Henrique e da Instrução Pública; Grã-Cruz de Ordens

Honoríficas do Brasil, Chile, Espanha (2), Itália e Polónia; “Knight Commander of the British Empire”, Inglaterra; diversas condecorações de grau inferior a grã-cruz (Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Espanha, França, Itália, Portugal, Roménia, Sérvia, etc.).

Bibliografia

A bibliografia do Prof. Leite Pinto é tematicamente muito diversificada. Distinguem-se nela contributos do investigador, do docente, do humanista e do estadista. Como obras principais, são de referir as seguintes:

Os Liceus, Escolas de Selecção (1925); *Equações Diofantianas* (1925); *Determinação da Latitude* (1926); *A Cromosfera do Sol* (1929); *Os Descobrimentos Portugueses* (1931); *L’Astronomie Nautique du Portugal à l’Époque des Grandes Découvertes* (1933); *Sideróstatos, Elióstatos e Celóstatos* (1934); *Lições de Aritmética Racional* (⁶1945); *As Comunicações na Política de Fomento* (1952); *Lições de Caminhos de Ferro* (4 Vols., ⁴1954); *Lições de Estatística* (7 Vols., ⁷1955); *Discursos Pedagógicos* (6 Vols., 1955 a 1961); *Os Liceus e as Humanidades* (1957); *A Lição de Camões à Juventude de Hoje* (1960);

Uma Esquina da História (1962); *A Expansão da Europa* (1962); *A Educação no Espaço Português* (1963); *Elogio do Professor Herculano de Carvalho* (1963); *Ser Chefe!* (1964); *Lusitanidade* (1965); *Da Instrução Pública à Educação Nacional* (1966); *Da Instrução Primária à Educação Permanente* (1966); *Investigação Científica e Tecnológica* (1967); *Essa Palavra Universidade!* (1968); *O Papel da Universidade na Formação dos Dirigentes* (1968); *Modas que se Tornaram Hábitos* (1969); *O Ensino Humanista dos Jesuítas* (1969); *Objectivo e Posição do Ensino Liceal* (1971); *Santo António Padroeiro de Portugal* (1976); *O Comboio não Chegou à Tabela* (1982); *Anteambulação numa Mostra de Cartografia da Grande Lisboa* (1983); *A Saída da Família Real Portuguesa para o Brasil, a 29 de Novembro de 1807* (1991).

Proferiu, ainda, cerca de duas centenas de conferências, discursos e outros contributos magistrais, doutrinários e pedagógicos, publicados em revistas, actas de congressos, etc.

Nas palavras do Professor José Vitorino da Pina Martins, proferidas em 15 de Fevereiro de 1991, [em todas as suas obras] “emerge a forma

mentis do docente que é também investigador, afluindo no seu estilo discretamente exortativo a predicação esfumada, subtil, de uma filosofia do bom senso, de inspiração personalista, dentro de um escrupuloso respeito pelas opções individuais. E tudo expresso numa linguagem tersa que, na escolha do léxico e da forma compositiva ou estilística, é bem indicativa de uma vasta leitura dos clássicos mais e menos antigos, a que o arejamento da problemática confere um *tónus* de modernidade.”

Testemunhos

“Espírito de horizontes mentais de uma vasta amplitude insuspeitada para quem só estiver atento ao seu estilo sorridente, de algum modo morioso por estar penetrado de uma ironia amavelmente maliciosa, Leite Pinto é dotado de um encanto que chega a conquistar não raro quem se situa em parâmetros doutrinários e ideológicos muito diversos e mesmo antitéticos dos seus. Neste homem tão bem disposto em relação aos seus semelhantes habita, como na alma de Sócrates, um espírito ou um sopro ou um *pneuma* que sabe converter o conhecimento das coisas (que chamamos “ciência”) na arte de estar no Mundo, de viver e de agir (que só pode ser chamada “sapiência”).”

(...)”Há autores cujos escritos são obras-primas. Já é mais difícil converter uma vida em paradigma. A indulgência perante falhas não graves da natureza humana, a capacidade de compreender e mesmo admirar quem não pensa como nós, o respeito das opiniões alheias ainda quando colidem com as nossas e desde que não ofendam a dignidade natural, a ponte lançada entre homens e civilizações que divergem mas podem dialogar, entender-se e até completar-se, o acentuar nas doutrinas mais o que une do aquilo que pode dividir os espíritos, a elegância no trato, o humorismo que se compraz mas não agride, o apreço, sem invejas mesquinhas, pelo outro – eis alguns traços definidores de uma personalidade que praticou um longo exercício ético, (...).”

*(José Vitorino de Pina Martins,
15.FEV.1991)*

“Privilegiado por excepcional inteligência, valorizada por poderosíssima memória, invulgar capacidade de trabalho e reduzida necessidade de tempo de sono, pela dedicação ao estudo e à investigação e pela leitura insaciável, com o rodar dos anos foi o Prof. Leite Pinto acumulando uma rica e vasta cultura e a implícita aptidão crescente para aprender.” (...)

“De espírito jovial, imaginativo e irrequieto, amando a vida vivida com intensidade, possui invulgar poder de comunicação.”(...)

“Possui, além disso, apurado senso crítico apoiado na metódica dúvida científica, que o tornam aberto e receptivo às inovações impostas pelo evoluir dos tempos. Homem de carácter, leal e desassombrado, não pactua com o que é falso, pessoas ou ideias, seja qual for o campo em que se situem, nem com injustiças. Avesso a frases feitas, (...) também não prescinde do direito de julgar por si próprio, sem, quanto a isso, abrir excepção para juízos oficiais só por o serem.”(...)

“Português por herança de sangue e de solo, o Prof. Leite Pinto, pela História, passou a sê-lo muito mais por opção deliberada a respeito do verdadeiro significado dos valores de cultura e dos ideais pátrios, a que deu fiel adesão e bem serviu. Por eles passou a lutar e veio a sofrer injustamente.”

*(Carlos Bessa,
15.FEV.1991)*

“Em tudo quanto respeita ao sector da energia nuclear no nosso país, ocupa [o Professor Leite Pinto] lugar de primeiro plano, já pelos seus profundos conhecimentos da matéria, já pelo entusiasmo com que se

empenhou por levar o Governo da Nação a encarar a sério a questão cujo interesse para a nossa Economia foi certamente o primeiro português a compreender.”

*(José Frederico Ulrich,
20.JAN.1958)*

“Como Ministro da Educação Nacional (de 1955 a 1961), a acção [do professor Leite Pinto] foi pioneira e extremamente meritória, tendo mesmo invertido a tendência que antecedeu o seu mandato, caracterizada por uma clara subalternização dos objectivos ligados à educação, à ciência e à cultura.”

*(Guilherme d'Oliveira Martins,
26.JUL.2000)*

“[A obra realizada por Francisco Leite Pinto] mostra-se fortemente impregnada do sentido unitário dos conhecimentos humanos, todos respeitantes à unidade da ordem cósmica e todos extraídos do passado, exclusivo ponto de referência da nossa meditação, em qualquer campo do saber. Por isso, o Professor Leite Pinto se sentiu, através dos seus numerosos e valiosos estudos, atraído pela História. E comunicou sentido histórico a quanto ensinou, a quanto escreveu e ao cunho que soube imprimir às atitudes fundamentais da verticalidade da sua própria vida.”(...)

“Bibliógrafo incansável e esclarecido, a cultura, o talento, a invulgar aptidão para reter factos e estabelecer relações entre eles, distinguindo o essencial do acessório, mas sem desprezar os pormenores significativos, tornaram Leite Pinto um dos mais lúcidos pensadores do nosso tempo. Pela riqueza de experiências que soube filtrar com rara mestria.”

*(Pedro Soares Martinez,
15.FEV.1991)*

“Será o Prof. Leite Pinto um historiador? No sentido rigoroso da palavra, *stricto sensu*, não o é. Na sua obra, porém, encontramos achegas válidas para a composição de uma história da Educação e da Ciência em Portugal e no estrangeiro.” (...)

“A sua filosofia é a de um conceito jubiloso da fruição existencial: daí deriva porventura não apenas a sua maneira de conceber a existência mas ainda, até, o seu aprofundado conhecimento – intelectual e sensual – dos líquidos capitosos, a sua vasta e tão rara ciência enológica. É ainda a cultura do espírito a impor uma dimensão – a sua dimensão superior – à experiência aprazível do circunstancial.” (...)

“Não se julgue que [o Prof. Leite Pinto] haja conquistado [os] importantes cargos [que desempenhou] graças a militâncias

políticas, a apoios poderosos ou a outros factores de ordem circunstancial. O que soube e foi capaz de realizar foi unicamente devido às qualidades invulgares de que é dotado.”

*(José Vitorino de Pina Martins,
15.FEV.1991)*

“A tradição guardou a lembrança do rei D. Dinis, em curioso e espontâneo verso, como o soberano “que fez tudo quanto quis”! Não se poderia tecer idêntico juízo acerca do que o Senhor Professor realizou em prol da cultura nacional? Basta atentar nos cargos públicos que desempenhou com a maior eficiência e brilhantismo (...). Só uma pessoa com tão reconhecidos dons de inteligência e de trabalho estaria à altura de assumir postos de tanta responsabilidade e de neles deixar a brilhante marca do seu talento criador.”

*(Joaquim Veríssimo Serrão,
15.FEV.1991)*

Auto-Retrato

(No encerramento do Curso de Radioisótopos do Centro de Estudos de Energia Nuclear, em 25 de Junho de 1956, no Instituto Português de Oncologia)

Não me esqueço de que sou professor. Tenho o desejo imenso de voltar a ler

revistas e tratados e o salutar apetite de preparar lições, de prepará-las com a minúcia e consciência que nos permitem o agradável à-vontade bastante para as dar parecendo que se improvisa.

(Na inauguração das novas instalações do Centro de Estudos de Estatística Económica, em 18 de Novembro de 1957)

Desejo hoje repetir publicamente, aos meus antigos assistentes e bolseiros, o que lhes tenho dito em anteriores trocas de impressões: estou muito satisfeito pelo facto de me ver substituído neste Centro por quem os pode orientar com muito maior eficácia.

Comuniquei-lhes também a dolorosa impressão que me ficou de ter sido forçado a alterar a minha carreira de homem de ciência. Pelo menos aquela que eu visei na minha juventude e interrompi por imposições estranhas à Ciência.

Dediquei-me à Astronomia durante muitos anos. Apesar de ter tido excelentes mestres nacionais e estrangeiros e de haver seguido os seus conselhos, nunca descobri nada de novo. (...)

Tudo perdido? Não! Ficaram hábitos e métodos de trabalho científico. E mais: ficaram-me desses estudos de astrofísica as bases de uma ciência em evolução por essa época – há um

quarto de século: a estatística matemática.

Deu-se comigo, ao deixar o caminho das investigações predilectas, o que se deu com muitos outros, mais felizes: da astronomia passei à estatística, desta à economia.

(Ao receber os cumprimentos dos bolsiros do Centro de Estudos de Estatística Económica, em 6 de Agosto de 1958)

Pela força da minha formação tentei enveredar pela economia matemática. Aqueles que foram meus discípulos directos sabem perfeitamente que nunca aspirei a ser Mestre, mas que sempre desejei, paradoxalmente, formar discípulos.

Ser Mestre é um alto dom que não recebi. Formar discípulos pode ser obra de um simples transmissor de ciência, desde que tenha algumas qualidades pedagógicas.

(Informação para o Subsecretário de Estado Adjunto à Presidência do Conselho, em 1 de Setembro de 1963)

Desde 1934 que ocupo lugares em organismos ligados com o fomento da Investigação. Tem sido uma batalha sem fim, como outra batalha sem fim tem sido a pregação em favor de um ensino comum dado às massas de jovens portugueses (...).

(Depoimento registado em vídeo, e de improviso, em 21 de Junho de 1990, no final de uma reunião-convívio evocativa da génese do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial).

No Instituto para a Alta Cultura, eu fui director durante muitos anos e posso dizer que estive preso à investigação científica desde o ano de 1929 até ao ano de 1972. A certa altura criei – eu repito “criei” – a Junta de Energia Nuclear. Mais tarde, criei – eu repito “criei” – a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Para quê? Para se formar uma elite portuguesa de homens de ciência.

(Na inauguração da Escola Técnica de Portalegre, em 5 de Junho de 1958)

Disseram-me há dias que sendo eu um homem de evocações históricas, podem considerar-me um saudosista de olhos no passado – esse passado que a muitos parece bem esvaído por julgarem escoar-se o nosso tempo por ampulheta mais larga.

Permitam-me que rectifique a precipitação desse juízo com o qual se pretende atribuir a quem se debruça com respeito sobre a História do seu País a atitude de alguém que, de costas para o futuro, se deixasse arrastar pelo tempo.

Jaime da Costa Oliveira

(No acto de posse do Brigadeiro Kaulza de Arriaga do cargo de Presidente da Junta de Energia Nuclear, em 24 de Julho de 1967)

Acredito na Ciência e na Técnica porque acredito nas incomensuráveis possibilidades inventivas do cérebro humano e nas capacidades impensáveis deste instrumento perfeito e maravilhoso que é a mão do homem comandada e controlada por esse mesmo cérebro. (...) A minha fé - utópica para muitos dos consulentos dos dicionários - é que Portugal pode vir a ser um grande País se alguns portugueses quiserem. Basta que aceitem que tem de ser necessariamente grande qualquer país que disponha de um escol de cientistas e técnicos porquanto uma elite desponta sempre de uma população sã, física e mentalmente, e instruída por um sistema escolar obrigatório para todos.

Senhor Presidente,

« Nada mais proveitoso que a História para adquirir prudência ;
 nem mais poderoso que ela para despertar virtudes ;
 mais saudável para sanear feridas da república ;
 nem mais agradável para deleitação da vida . »

Antes de ter conhecimento desta passagem de D. Jerónimo Osório no "Voto de Elzeir D. Manuel", já tinha lido muita história, nem toda prática e social, nem toda de Economia, porquanto comecei pela História das Matemáticas, pela incluindo a de Astronomia Espacial.

É certo que com uma fome de ler nunca extinguida também perfoliei alguns livros onde, desde Heródoto, historiadores famosos interpretaram factos naturais, ocorridos no fluir da água na dependência do Tempo.

De tais leituras me adviriu a convicção de que nunca seria historiador, por não saber manejar os instrumentos indispensáveis nas técnicas da História.

Francoamente não sei dos motivos que levaram este historiador ilustre a acolherem-me neste sua Casa, Casa famosa desde o Magnanimo!

A todos os académicos agradeço a magnanimidade que é generosidade.

Os ilustres académicos que me introduziram foram de uma gentileza ^{tal} talada que só a amizade justifica as palavras que pronunciaram.

Agradeço-Mas, comovido.

(Na recepção como Académico de Mérito da
 ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA,
 em 15 de Fevereiro de 1991)